

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVI
VOLUME 24
NÚMERO 1
(JAN-JUN)
2016
PP. 339-362.

O RETORNO DE LEONEL BRIZOLA DO EXÍLIO EM 1979: DISCURSOS DE O GLOBO

(THE RETURN OF LEONEL BRIZOLA FROM THE EXILE IN 1979: SPEECHES FROM O GLOBO)

MARCELO MARCON

Mestrando em História pela Universidade de Passo Fundo
marcelomarcongo@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho objetiva realizar uma análise do discurso do jornal O Globo sobre o retorno de Leonel Brizola do exílio em 1979, no contexto de abertura política do regime militar. Pelo viés da renovação da história política, e da importância do uso de fontes jornalísticas, este artigo busca fazer uma discussão sobre o modo como o jornal formula seu discurso em um momento em que Brizola retorna do exílio e busca alianças para recriar o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o qual acaba por perder o domínio da sigla e então fundar o Partido Democrático Trabalhista (PDT). Dessa forma, o modo como o jornal elabora seu discurso e a intencionalidade de seus autores será alvo de análise para compreender o papel desse meio de comunicação em um momento importante da história brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. História Política. Leonel Brizola. O Globo.

ABSTRACT: This paper aims to conduct an analysis about the speech of the newspaper O Globo about the return of Leonel Brizola from the exile in 1979, in the opening of the background policy of the military regime. The bias of the renovation of political history, and the importance of the use of journalistic sources, this article seeks to open a discussion on how the newspaper formulates its speech at a time when Brizola returns from the exile and looks for alliances to rebuild the “Partido Trabalhista Brasileiro” (PTB), which ends up losing the dominance of the acronym and then founding the “Partido

Democrático Trabalhista” (PDT). Therefore, the way how the paper develops its speech and the intentionality of the authors will be the target to be examined and to understand the role of this media at an important moment in Brazilian’s history.

KEYWORDS: History Policy. Leonel Brizola. O Globo. Speech.

INTRODUÇÃO

É de conhecimento dos pesquisadores de história política que ela sofreu um processo de renovação nas últimas décadas, derivado de uma necessidade de abranger novas áreas de estudo. Com o trabalho de escolas surgidas no decorrer do século XX, como a Escola dos Annales e da Escola de Cambridge, novos temas passaram a ser de interesse dos historiadores, sobretudo a história cultural e social, que passaram a ganhar destaque. A história política, caracterizada pelo estudo de grandes líderes políticos do Estado e da nação, demonstra uma inevitável necessidade de renovação (REMOND, 2003.).

É nesse contexto em que discutiremos o tema deste artigo, que refere-se a volta de Leonel Brizola do exílio no ano de 1979. Através do processo de abertura política, o regime militar buscava uma forma de amenizar a crise política e econômica na qual se encontrava. Por ocasião da Lei da Anistia, Brizola retorna e já no primeiro momento, busca cercar-se de alianças para reconstruir o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), visto que neste mesmo ano ocorre o fim do

bipartidarismo, e, portanto, novos partidos podem ser criados ou recriados (SKIDMORE, 2004.).

Brizola volta de forma totalmente diferente de quando parte para o exílio em 1964. Naquele momento, encontrava-se no auge de sua carreira política, tendo recentemente sido governador do estado do Rio Grande do Sul e líder da Legalidade, movimento que defendeu a posse de João Goulart como presidente da República, quando da renúncia de Jânio Quadros em 1961.

No retorno do exílio, Brizola encontra inúmeras dificuldades para se estabelecer politicamente, como em conseguir aliados à recriação do Partido Trabalhista Brasileiro, e, principalmente, por perder o domínio da sigla, para Ivete Vargas. A decisão do governo atuou no sentido de enfraquecer, politicamente, o ex-governador do Rio Grande do Sul. (SENTO-SÉ, 1999).

O jornal *O Globo*, que comemora o Golpe Militar no ano de 1964 e permanece favorável ao regime, faz consideráveis menções ao nome de Brizola a partir de sua volta. A forma como o jornal elabora seu discurso é plausível de análise, justamente pela renovação da história política, que elege a imprensa como fonte

histórica relevante. Dessa forma, acontecerá uma discussão desses pontos que se tornam importantes para entender esse período da história política brasileira.

A IMPRENSA COMO FONTE HISTÓRICA NO PROCESSO DE RENOVAÇÃO DA HISTÓRIA POLÍTICA

O processo de renovação da história política proporciona o contato desse âmbito de estudos com outras disciplinas, permitindo trocas de conhecimento e novas formas de interpretação historiográfica. A história política é, por sua natureza, interdisciplinar, e a “pluridisciplinariedade é para ela como o ar de que ela precisa para respirar” (REMOND, 2003, p. 29).

Assim, a imprensa torna-se plausível de análise do historiador como fonte. A historiadora Tânia de Luca afirma que isto ocorre no Brasil com mais frequência a partir da década de 1970, por meio de teses e dissertações. Até então, os jornais eram considerados pouco adequados por conter “registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões” (LUCA, 2010, p. 112). Essa concepção era, segundo a autora, associada a ideia de

que era preciso buscar a verdade dos fatos, pelo intermédio de documentos.

Essa ideia teve forte crítica na *Escola dos Annales*, ainda na década de 1930, mas não teve mudança imediata, sendo que no Brasil a imprensa passa a ser utilizada como fonte historiográfica apenas na década de 1970. Tânia elenca vários elementos dos meios de imprensa como plausíveis de pesquisa histórica e justifica a importância desses estudos:

Pode-se admitir, à luz do percurso epistemológico da disciplina e sem implicar a interposição de qualquer limite ou óbice ao uso de jornais e revistas, que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa (LUCA, 2010, p.139).

Essa afirmação de Tânia é importante para pensarmos como a imprensa classifica e escolhe determinados acontecimentos para ganharem

destaque em detrimento de outros, e, sobretudo, a forma como ela compõe o seu discurso em relação a isso. Como diz a autora, é nesse contexto que o historiador age ao analisar e problematizar as formas de narrações e discursos utilizadas na tentativa de induzir aos leitores o seu posicionamento.

Ademais, na história do Brasil, os jornais estiveram, em sua maioria, posicionados em uma posição política, e por isso, criavam notícias e artigos de opinião no objetivo de induzir seu leitor a acreditar em sua argumentação. Jornais como *O Globo*, *Folha de São Paulo*, entre outros, foram a favor do golpe e do regime militar no Brasil. A TV Globo, criada durante a ditadura, torna-se a própria porta-voz do regime (FAUSTO, 2004.).

Nesta mesma linha de pensamento, Paul Virilio entende que os meios de comunicação industriais se beneficiam de uma singular depravação das leis democráticas. Efetivamente, se “a imprensa, não goza, *a priori*, da liberdade de anunciar notícias falsas, nossa legislação concede-lhe, por outro lado o poder exorbitante de mentir por omissão, censurando e vetando aqueles que não lhes convêm ou possam prejudicar seus interesses” (VIRILIO, 1996, p.11).

A afirmação de Virilio se faz importante para compreendermos que a imprensa escolhe as notícias que receberão maior destaque de acordo com seus próprios interesses. Assim, a imprensa, frequentemente, esconde fatos que seriam importantes à compreensão do leitor/espectador e mesmo que não crie exatamente notícias falsas, pode manipular a realidade ao censurar algumas informações e repetir exaustivamente outras.

Neste artigo, busca-se realizar uma análise do discurso do jornal *O Globo* sobre o retorno de Leonel Brizola do exílio em 1979. Para isso, torna-se importante entender o significado do conceito de discurso. Eni Orlandi entende que

A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se a o homem falando. Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. (ORLANDI, 2012, p.37).

Sendo então o discurso, palavra em movimento, buscando em sua análise compreender o homem falando e a língua fazendo sentido, sua interpretação deve levar em consideração o contexto em que foi produzido e as circunstâncias e intenções que o levaram a se tornar discurso. No pensamento político, o discurso tem demasiada importância, por ser capaz de compreender traços reais de determinado momento da história.

Patrick Charaudeau afirma que:

O discurso político, que procura obter a adesão do público a um projeto ou a uma ação, ou a dissuadi-lo de seguir o projeto adverso, insiste mais particularmente na *desordem social* da qual o cidadão é vítima, na *origem do mal* que se encarna em um adversário ou um inimigo, e na *solução salvadora* encarnada pelo político que sustenta o discurso. A desordem social é apresentada como um estado de fato ou como um estado potencial: no primeiro caso, trata-se de persuadir o público de que o mal e as vítimas existem e que não há lugar para a especulação; no segundo, em contrapartida, trata-se de criar um estado de expectativa que obriga a vislumbrar a possibilidade de existência de um mal e o desencadear de um temor gerador de angústia. [...] A solução salvadora consiste em

propor medidas que deveriam reparar o mal existente. (CHARAUDEAU, 2015, p.91).

É desse modo que grande parte da imprensa brasileira, em especial o jornal *O Globo*, atua em relação ao golpe militar de 1964, chamado de revolução pelo jornal. Cria-se uma situação insustentável, em que há uma desordem social e perigo do mal, e apresenta uma solução salvadora. Ao colocar o perigo da aproximação de Jango com governo socialistas, e a “eminente aproximação do Brasil ao comunismo”, o jornal saúda a intervenção militar, apresentada por eles como a solução salvadora, e a partir de então, passa a legitimá-la.

Nesse mesmo contexto ocorre o que Virilio afirmou ser hábito da imprensa, de mentir por omissão, censurando fatos, repetindo exaustivamente outras e manipulando a realidade. Ainda hoje, muitas pessoas acreditam que a tomada do poder pelos militares teria sido necessária para cessar o “golpe comunista a ser implantado pelo presidente Jango”. Percebe-se dessa forma, como a mídia influencia no pensamento político, chegando a fazer acreditar algo que é totalmente desacreditado pela história.

Também precisa ser considerado que em torno dessa renovação do estudo da história política, existe uma crise no próprio sistema político. De acordo com Michel Mafessoli, a distinção entre inteligência e política atingiu um ponto sem retorno. Segundo este autor,

Não basta mais, em realidade, incriminar os jogos políticos, as receitas eleitorais e outras <<maracutaias>> do mesmo saco. Pois, se a política torna-se objeto de desconfiança geral, o político não parece mais capacitado para enfrentar os desafios do momento. Se, no século XIX, num eco ao <<Deus está morto>> (Nietzsche), respondia a forma substitutiva da <<política como forma profana da religião>> (Marx), atualmente o atestado de óbito diz mesmo respeito à prótese divina. Essas duas entidades perderam a força de atração, pois não dá mais resultado o adiamento do gozo: a espera messiânica do paraíso celeste ou a ação urdida para um amanhã que canta, ou outras formas de sociedades futuras reformadas, revolucionadas ou mudadas. Somente o presente vivido, aqui e agora, com outros, importa (MAFESSOLI, 2011, p.15).

Mafessoli explicita como o sistema político, e, principalmente, o próprio sujeito político é alvo de

desconfiança geral da população na pós-modernidade. Assim como a religião, a política perdeu sua força de atração, pois não se espera mais a vinda da figura messiânica ou outras formas de sociedades. Na atualidade, o que importa é o aqui e o agora, e desse modo, o sistema político baseado em um grande líder de caráter messiânico não apresenta mais resultado.

Justamente por esses motivos é que se torna relevante pesquisar líderes políticos como Brizola, que tem sua trajetória política interrompida pelo exílio. Antes político das grandes massas, ele volta com baixa credibilidade e consegue eleger-se governador do Rio de Janeiro, sem, contudo, voltar a restaurar seu prestígio político do período anterior ao golpe.

BRIZOLA RETORNA DO EXÍLIO: DISCURSOS DE O GLOBO

O jornal *O Globo* foi fundado no ano de 1925, por Irineu Marinho, que falece poucos dias após seu lançamento, herdando o periódico seu filho Roberto Marinho, que assume a direção do jornal no ano de 1931. *O Globo* comemorou o golpe militar de 1964, afirmando que com a fuga de Goulart e a posse de Mazzilli na presidência a “democracia estaria ressurgindo”:

Vive a nação dias gloriosos. Porque souberam unir-se todos os patriotas, independentemente de vinculações políticas, simpatias de opinião sobre problemas isolados, para salvar o que é essencial: a democracia, a lei e a ordem. Graças a decisão e ao heroísmo das Forças Armadas, que obedientes a seus chefes demonstraram a falta de visão dos que tentavam destruir a hierarquia e a disciplina, o Brasil livrou-se do Governo irresponsável, que insistia em arrastá-los para rumos contrários a sua vocação e tradições (O GLOBO, 02 de abril de 1964).

A posição do jornal não foi isolada, outros veículos de comunicação importantes da época também apoiaram o golpe. O *Globo* atualmente afirma que o apoio foi um erro, com uma nota no site do jornal que diz que naquele período, justificava-se a intervenção militar “pelo temor de um outro golpe, a ser desfechado pelo presidente João Goulart, com amplo apoio de sindicatos — Jango era criticado por tentar instalar uma “república sindical” — e de alguns segmentos das Forças Armadas”ⁱ.

A partir do processo de abertura política e crise econômica do governo militar, e com a anistia e revogação do AI5, O *Globo* permanece com um discurso

que acompanha o do governo, mesmo que concordando com o reestabelecimento da democracia, não deixa de apoiá-lo, acompanhando o seu discurso e posicionando-se contrário as manifestações populares que pediam o fim do regime.

Brizola, com o golpe militar em 1964, exila-se no Uruguai, onde permanece até o ano de 1977, quando é expulso e parte para os Estados Unidos, retornando ao Brasil por ocasião da Lei da Anistia, no dia 06 de setembro de 1979. Sobre a lei, Daniel Aarão Reis problematiza sobre os silêncios que a rodeiam: o silêncio sobre a tortura e os torturadores; o silêncio sobre o apoio da sociedade à ditadura; e o silêncio sobre as propostas revolucionárias de esquerda, derrotadas em 1966 e 1973. (REIS, 2010, p. 173.)

Assim, Daniel explica que apesar de haver vozes contrárias as torturas ocorridas durante o regime, foram vozes isoladas, e quando da lei da anistia, a grande maioria preferiu ignorá-las. Para ele, “empurrar a tortura para debaixo do tapete”, foi uma proposta de se desvencilhar de um passado que queria recusar, o qual ainda não havia uma definição clara, social e politicamente correta (REIS, 2010, p. 173).

A ditadura, para o autor, teria sobrevivido graças a três principais fatores. O primeiro, as *Marchas da*

família com Deus pela Liberdade, que contou com milhares de pessoas e ocorreu tanto em cidades grandes, como em pequenas e médias. O segundo diz respeito os altos níveis de popularidade do general Médici, e o terceiro, as vitórias obtidas pela Arena (REIS, 2010, p.174).

Para Daniel, a frase mais emblemática contra a ditadura foi proferida justamente por Brizola, logo após o retorno do exílio: “o povo brasileiro havia comido a ditadura, a mastigara devagarinho, a engolira, e naquele momento, preparava para expila-la pelos canais próprios” (REIS, 2010, p. 174).

De fato, o próprio Brizola, quando ocorre o golpe, e mesmo quando parte para o exílio, acreditava que em breve a população se mobilizaria contra os militares. Esperava ficar cerca de seis meses no Uruguai, planejando uma insurreição popular contra o regime, através do Rio Grande do Sul com o apoio do povo. Logo, porém, Brizola se dá conta que o problema era bem maior do que imaginara, e assim, permanece mais de 15 anos no exílio (LEITE FILHO, 2008).

A data escolhida por Brizola é emblemática, ele chega ao país às 17h15min do dia 06 de setembro de 1979, véspera da comemoração da independência. Para Sento-Sé, é difícil não supor que a escolha da data não

era isenta de alguma intencionalidade no plano simbólico, sendo que Brizola, com esta atitude, busca “contrapor àqueles que o alijaram da vida política em nome da defesa de valores como patriotismo e fidelidade ao interesse nacional, com seu próprio patriotismo e seu próprio compromisso com os interesses da nação”(1998, p.86).

O jornal *O Globo*, do dia 07 de setembro de 1979, traz em sua capa uma pequena nota sobre a volta de Brizola, com o título “Brizola volta e diz que não quer revanche”, o jornal menciona que o ex-governador diz-se “despido de qualquer intenção revanchista”, retornando após um exílio de 15 anos e já no mesmo dia realizaria um discurso na cidade de São Borja, local onde estão sepultados os corpos dos ex-presidentes Getúlio Vargas e João Goulart (*O GLOBO*, 07 de setembro de 1979).

No corpo da notícia, na página 08, o jornal apresenta a matéria com o título “Brizola volta ao país e diz que não quer revanche”, com uma foto dele sendo recebido por outros líderes políticos, como Pedro Simon. *O Globo* inicia com a declaração do próprio Brizola: “Estou feliz em retornar ao meu país. Volto sem nenhum espírito de revanchismo”.

Vestindo vários tons de azul – do celeste na camisa, ao marinho na gravata- o ex- Depois de cumprimentar numerosos correligionários, entre os quais os senadores Pedro Simon e Leite Chaves e o deputado Getúlio Dias e o ex-deputado Lisânias Maciel, o ex-governador disse aos jornalistas: - Nós, trabalhistas, voltamos a cena política sem qualquer revanchismo, pois nossa anistia foi ampla, geral e irrestrita. Estamos vivendo uma nova época e voltamos para participar da vida nacional de maneira construtiva. Por isso, acho que não haverá qualquer oposição por parte dos militares. Segundo Leonel Brizola, o PTB já está em fase de organização e agora pretende elaborar o seu programa. Para isso, disse que todas as camadas da população serão consultadas e que o programa partidário “sairá mediante um amplo debate com operários, intelectuais, universitários, enfim, com toda a nação brasileira” (O GLOBO, 07 de setembro de 1979).

Dessa forma, pode-se perceber como o jornal busca criar um discurso em que ambas as partes estão dispostas a “esquecer às magoas do passado” e conviverem em harmonia, sem revanchismo. Evidenciando a intenção de Brizola de reorganizar o PTB

e de participar construtivamente da vida nacional, esperando que não haja nenhum tipo de oposição por parte dos militares, *O Globo* também procura mostrar que estes não buscam enfrentamento com Brizola.

Ao longo da notícia mostra-se essa ideia, com *O Globo* trazendo declarações do comandante do 2º Regimento de Cavalaria Mecanizada, tenente-coronel Francisco Holleben, que afirma que os dirigentes do MDB comunicaram-lhe “o empenho dos encarregados da recepção ao ex-governador Leonel Brizola em não causar embaraços políticos” (O GLOBO, 07 de setembro de 1979).

Ainda sobre o comandante, o jornal diz que ele negou o boato que estaria correndo pela cidade de que sua unidade entraria de prontidão ou de sobreaviso durante o dia de hoje.

Mesmo em se tratando de área de segurança nacional (por ser fronteira), o esquema de segurança montado para a chegada de Brizola caberá a Secretaria de Segurança Pública, através do DOFS e da Brigada Militar. – Apenas tenho de ser informado para comunicar aos meus superiores – afirmou. Segundo o comandante, só em caso de extrema necessidade, em que a força estadual necessitar

de ajuda para impedir perturbação da ordem, haveria intervenção da tropa federal aquartelada em São Borja. [...] O líder do MDB na Câmara Municipal, Gastão Fonseca, disse que a Secretaria de Segurança Pública pediu a direção do partido que colabore com a segurança, procurando impedir, pela persuasão, que brizolistas mais entusiasmados tentem sair dos limites da homenagem que se quer prestar ao ex-governador (*O GLOBO*, 07 de setembro de 1979).

O discurso do jornal atua no sentido de destacar a intenção do governo de não criar nenhuma situação de confronto ou oposição a Brizola, evidenciando a boa vontade do coronel e tratando de desmentir os boatos que as forças armadas estariam de prontidão na volta do ex-governador. Pode-se dizer que *O Globo* sabia que o contexto, após a volta dos líderes políticos, do processo de abertura política e da crise econômica e política, era de enfraquecimento do regime e, portanto, era necessário passar uma visão de entendimento com os antigos inimigos do governo.

De acordo com Sento-Sé, a chegada de Brizola frustrou as expectativas de quem esperava grandes multidões:

Apesar do entusiasmo, sua presença não chegava a criar as situações de comoção que as previsões mais exaltadas supunham. O risco de um esgotamento precoce, provocado pela aparência repetida em atos públicos e comícios comemorativos de seu retorno, era uma variável a ser levada em conta, e acabou por fazer prevalecer uma postura menos ruidosa do que pareciam desejar os grupos mais exaltados. O carisma era um bem finito, que deveria ser usado com parcimônia (SENTO-SÉ, 1999, p. 87).

Como dito anteriormente, o discurso do jornal busca acompanhar o discurso estabelecido pelos militares, que após os anos da chamada “linha dura”, buscava criar uma nova aparência para o governo, que estaria disposto a colaborar com o retorno da democracia. Nos anos anteriores, *O Globo* defendia o regime e criticava todas as manifestações contrárias, sendo que já próximo a 1979, o jornal pretende mostrar que também defende a democracia, porém, não deixa de acompanhar o discurso do governo, que também pretende mostrar o mesmo.

Ao mesmo tempo, *O Globo* não deixa de alfinetar os seguidores do ex-governador ao trazer a declaração do major da reserva do Exército, Salvador Pereira

Alvarez, que afirmou o seguinte: “Quem quiser passar o dia atrás do ex-governador não precisa se constranger. É uma questão de livre arbítrio”(O GLOBO, 07 de setembro de 1979).

O jornal volta a buscar declarações de “harmonia” entre Brizola e líderes da situação ao trazer declarações do então governador de São Paulo, Paulo Maluf, que disse acreditar não haver tumulto, visto que “nestes últimos 15 anos, muita coisa mudou no Brasil. Evidente, com a nova realidade política nacional, cada um vai ter de cuidar um pouco mais da liberdade que gozará” (O GLOBO, 07 de setembro de 1979).

Pode-se observar na fala de Maluf como ele tenta passar uma ideia dos perigos que a “liberdade” trazida pela abertura política poderia causar. Esse discurso, vindo de um legítimo defensor do regime militar, mostra que mesmo com uma nova postura, defendendo a transição à democracia, os militares buscavam convencer a população de que o país seria pior sem eles.

O jornal traz ainda as declarações de outros líderes políticos, como o ex-governador Antônio Carlos Magalhães, que após afirmar o desejo de que Brizola venha contribuir para o desenvolvimento do país, afirma o seguinte:

Quem quer que chegue com outros propósitos que não sejam o de paz e harmonia, mais uma vez irá enganar-se com a disposição do povo brasileiro de progresso com paz social, abominando a violência e a desordem. Ao comentar as ameaças feitas a Brizola pelo CCC-Comando de Caça aos Comunistas, disse Antônio Carlos: - Qualquer radicalismo é prejudicial e merece também a nossa repulsa. Entendo que deve haver observação e nunca provocação. Só os que não tem nenhuma visão poderão admitir à volta ao período anterior a Revolução de 1964 (O GLOBO, 07 de setembro de 1979).

Percebe-se, a partir da fala de ACM, que apesar dele repudiar as ameaças feitas pelo CCC, ele demonstra certa preocupação com a volta de Brizola, e também de outros exilados. Ao posicionar-se de forma contrária a uma possível volta ao período anterior ao golpe militar, ACM busca advertir Brizola e seus aliados que o governo não admitiria qualquer fato que questionasse o regime.

Desse modo, analisando a matéria do jornal *O Globo* sobre o retorno de Leonel Brizola do exílio, pode-se afirmar que há uma preocupação em criar um clima de harmonia entre as partes, principalmente por parte dos militares, que estariam dispostos a colaborar com

sua chegada e permanência, enquanto Brizola estaria sem nenhum sentimento de revanche.

Ao mesmo tempo, o jornal não deixa de trazer declarações de políticos e coronéis ligados ao regime que, de algum modo, provoca Brizola e o adverte a não criar nenhum tipo de confusão após sua chegada. Evidentemente, Brizola, recém-chegado do exílio, volta de maneira totalmente diferente de quando partiu em 1964.

Apesar de o jornal fazer pouca menção sobre seu retorno, Brizola volta com menos força política, pois o exílio provoca um esfriamento nos principais líderes de oposição. Em 1964, Brizola estava no auge de sua carreira política, sendo governador do Rio Grande do Sul, e com uma grande quantidade de seguidores. Ao voltar, Brizola tem dificuldades em conseguir aliados, em registrar seu partido, e apesar de conseguir eleger-se governador do Rio de Janeiro em 1982, não consegue alcançar o mesmo prestígio político anterior ao golpe (SENTO-SÉ, 1999).

BRIZOLA APÓS A VOLTA DO EXÍLIO: DISCURSOS DE O GLOBO

O esfriamento do poder político de Brizola não ocorre apenas por intenção dos militares. Também parte da imprensa passou a criar notícias que mostravam a dificuldade enfrentada por ele para retomar seu prestígio político. No dia 11 de setembro de 1979, *O Globo* publicou uma matéria afirmando que Brizola teria desistido de comícios que realizaria em Porto Alegre, com um tom em que expressa que o ex-governador não conseguiria sua força política de volta.

Na mesma reportagem, o jornal traz uma forte crítica do então deputado Newton Cardoso (MDB – MG) a Brizola, dizendo que:

“É o Carlos Lacerda dos novos tempos” – e criticou –o por ter voltado para o Brasil “para dividir e não para somar”. –Brizola, disse o deputado mineiro –está fazendo o Jogo do Governo, e poderia ter ficado, por isso mesmo, uns 30 anos no exílio, já que depois de 15 anos mostrou não ter aprendido nada. Para Newton Cardoso, “ele não trouxe nenhuma mensagem, não conseguir reunir quase ninguém para seu comício, e por isso mesmo não pode ser líder”. –Pessoalmente, disse, não me considero líder, mas se grito nas minhas bases, reúno de uma hora pra outra mais de cinco mil pessoas (*O GLOBO*, 11 de setembro de 1979).

Logo após o discurso de harmonia entre Brizola e o governo militar, *O Globo* busca mostrar críticas ao ex-governador, evidenciando os problemas que ele encontrara e a dificuldade em reconquistar sua popularidade. Também enfatiza que mesmo na oposição, como no caso do deputado Newton Cardoso, havia críticos a Brizola. De fato, o nome de Brizola nunca foi consenso e, por sua postura forte, possuía inúmeros desafetos.

O jornal traz ainda as declarações do então sub-secretário da Presidência da República, Alexandre Garciaⁱⁱ, que afirmou que “a volta do Brizola não desestabiliza nem São Borja”, e de outra fonte ministerial, a qual o jornal não revela o nome, e que teria dito que houve muito barulho antes, pelo nada de agora” (*O GLOBO*, 11 de setembro de 1979).

O *Globo* continua a apresentar notícias que mostrem o enfraquecimento do poder de Brizola pós-exílio. Na edição do dia 14 de setembro de 1979, o jornal traz uma entrevista com o ex-vice-governador da Guanabara e ex-deputado Eloy Dutra, intitulada “Eloy Dutra acha que o PTB já está enterrado”.

“A volta de Brizola não tem a menor importância. Não é um homem definido, nem

autêntico. Retorna ao país querendo voltar ao passado e fundar o PTB, que já morreu e está enterrado. Se Brizola deseja prestar algum serviço, seria melhor se filiar ao MDB e esquecer essa tolice de pegar a carta de Getúlio Vargas e tentar ressuscitar o PTB”, afirmou ontem ao *GLOBO* o ex-vice-governador da Guanabara e ex-deputado Eloy Dutra. Para ele, Leonel Brizola “saltou no Brasil com uma lata de melado numa das mãos e uma bomba de hidrogênio a outra: se continuar indefinido, não conseguirá eleger-se vereador em Vacaria”. [...] Brizola esperava 40 mil pessoas para vê-lo falar, e acabaram aparecendo umas três mil pessoas. O homem é esse, não tem nada de carismático, de salvador da pátria. Hoje, acredito que esteja voltando mais lido e sofrivelmente identificado com os problemas brasileiros. Mas continua pensando no PTB de 15 anos atrás (*O GLOBO*, 14 de setembro de 1979).

Dessa forma, o jornal continua a trazer declarações fortemente críticas a Brizola, que atuam no sentido de demonstrar o seu enfraquecimento político. Quando perguntado sobre que tipo de contribuição Leonel Brizola poderia acrescentar no processo de abertura política, Eloy responde: “Ficar calado, não dizer

besteira. Fazer a política dele calado, no sentido de não agitar. Na minha opinião, essa história de voltar ao passado e fundar o PTB é uma tolice, porque o PTB morreu e está enterrado, e não há quem o desenterre”(O GLOBO, 14 de setembro de 1979).

Apesar de ser inegável que essas opiniões sejam realmente de líderes políticos, muitos dos quais odiavam Brizola, a intenção do jornal ao publicar essas declarações logo após a sua volta do exílio, demonstra que *O Globo* busca difundir a ideia da baixa credibilidade de Brizola.

A preocupação era de que o ex-governador atingisse o governo militar com discursos rígidos, em um momento em que este já se encontrava desestabilizado. Também se pode notar que há inúmeras notícias sobre a reforma partidária, muitas delas sendo capas das edições. Nessas matérias, *O Globo* vê a recriação do PTB como problemática, exaltando que o partido se encontra dividido em vários grupos pelo país. Exalta o PDS e, principalmente, o então governador de São Paulo, Paulo Maluf, como sendo o próximo grande líder político brasileiro.

De acordo com Patrick Charaudeau,

É na estigmatização da origem do mal que é preciso inscrever também as estratégias de

desqualificação do adversário, sendo este um dos polos constitutivos do discurso político. As estratégias de desqualificação são utilizadas com a ajuda de diferentes procedimentos discursivos. [...] O sujeito político que combate um adversário deve rejeitar os valores opostos aos preconizados por este, mostrando uma boa argumentação e fraqueza ao perigo dessas ideias. Mas uma argumentação muito pesada, complexa ou sutil corre o risco de não ser compreendida pela massa dos cidadãos. É por isso que, frequentemente, em política, a argumentação se reduz a esse procedimento de ataques *ad hominem*, que questiona a probidade do adversário, suas contradições, sua incapacidade de manter promessas, suas alianças nefastas e sua dependência diante da ideologia de seu partido (CHARAUDEAU, 2015, p. 92).

É dessa forma que atua o discurso do jornal *O Globo* em relação ao retorno de Brizola, na tentativa de desqualifica-lo. Principalmente, questiona a sua probidade, sua ideologia política, suas alianças e sua incapacidade em construir projetos políticos, ignorando o fato de ter sido exilado por 15 anos, interrompendo o auge de sua carreira.

Assim, *O Globo* busca minimizar a influência de Brizola na futura recomposição partidária, principalmente com as declarações de outros políticos citadas acima. Este pensamento perdura na perda da sigla para Ivete Vargas, na criação do PDT, e na campanha para eleição ao governo do Rio de Janeiro, alterando apenas quando da virada nas pesquisas eleitorais favoráveis à Brizola.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, seu novo território político, Brizola rejeita a possibilidade de ingresso no MDB, firma sua posição à esquerda do espectro político, afirma a incompatibilidade do ideário trabalhista com o marxismo, e mostra boa assimilação da agenda social democrata europeia, com menções às minorias, às mulheres, aos negros, e às populações indígenas (SENTO-SÉ, 1999, p.88).

Nas edições seguintes, o principal assunto tratado no jornal é a Reforma Partidária, apresentada como fruto da “boa vontade” do presidente Figueiredo. Também evidencia que muitos estariam indecisos sobre qual partido escolher, destacando o futuro PDS e PMDB como os principais partidos e minimizando a importância dos outros a serem criados.

Sobre o PTB, o jornal promove um discurso que enfatiza que o partido estaria dividido pelo Brasil,

existindo duas alas no Rio Grande do Sul, e que muitos acreditavam que seria um erro recriar o partido. Também passa a acompanhar a disputa de Brizola com Ivete Vargas sobre o domínio da sigla. Segundo João Trajano Sento-Sé,

A luta pela sigla do PTB tem, a partir de então, seus momentos mais dramáticos, com algumas cenas pitorescas. Ela começou no início do ano, quando a cisão entre o grupo de Brizola e de Ivete se transformou em hostilidade aberta [...] Às 13 horas do dia 2 de fevereiro de 1980, assim que o supremo abre suas portas, três deputados dão entrada no pedido formal do registro do partido, apresentando todos os documentos necessários e a lista dos componentes da Comissão Nacional Provisória do partido, inscrevendo Leonel Brizola como o primeiro nome da mesma. Meia hora depois, representantes do grupo de Ivete fazem o mesmo pedido, instaurando-se, desse modo, uma luta judicial que se estenderia por quatro meses, ocupando ao longo desse período espaço privilegiado entre os jornais (SENTO-SÉ, 1999, p. 94).

Para este autor, se Brizola contava com uma memória política nacional que o caracterizava como

herdeiro do último PTB, Ivete tinha a seu favor o trânsito fácil no governo federal e a amizade com o general Golbery. Após esses meses, o governo decide por Ivete Vargas, obrigando Brizola a criar às pressas um novo partido, surgindo o PDT.

De fato, a perda da sigla foi um duro golpe para Brizola, que contava como certo a posse do PTB, por autodenominar-se o legítimo herdeiro do trabalhismo de Getúlio Vargas. Nitidamente, a estratégia do governo foi a de dificultar a articulação política de Brizola, como a decisão do general Golbery de conceder a sigla PTB para Ivete Vargas (SENTO-SÉ, 1999).

O trabalhismo do PTB, sob o comando de Ivete Vargas, carece da figura de um líder do aspecto do Brizola. Atuando de forma discreta no processo de transição para a democracia, o PTB, como estratégia, “escancarou as portas do partido para lideranças regionais dissidentes, deixando de reservar qualquer prurido quanto à origem político-partidária desses novos filiados” (FREIRE, 2014, p.305). Apesar de conseguir formar uma bancada para sua sobrevivência, a legenda nunca chegou a reconquistar a importância que tivera no período anterior ao golpe.

Segundo João Trajano Sento-Sé, Brizola adotou um discurso de reinvenção do trabalhismo, favorecido por ele jamais ter sido formalizado como doutrina política. Sob o comando de Vargas, “o trabalhismo competiu pela liderança das classes trabalhadoras com os comunistas, postulando, de maneira genérica, a coincidência de interesses entre capital e trabalho no processo de desenvolvimento da sociedade brasileira” (SENTO-SÉ, 1999, p. 100).

Sob o comando de Brizola, o discurso trabalhista remete um vínculo com o passado, em que ele intitula-se como continuador da obra de Getúlio Vargas, o que o PTB de Ivete não consegue fazer, segundo Sento-Sé, pela falta de um líder presente e carismático como acontece com o PDT de Brizola. Nessa perspectiva, este autor entende que o trabalhismo transforma-se em brizolismo, remodelando seu discurso para a criação de um projeto civilizador e de regeneração nacional (SENTO-SÉ, 1999, p. 109).

Ocorre que o contexto do trabalhismo sob o comando de Vargas e mais tarde, de Brizola, acontece em contextos totalmente diferentes. Sob o comando de Vargas, “havia um eixo, uma estrutura dorsal nacionalista, distributivista e desenvolvimentista, que fez com que o trabalhismo se constituísse,

inegavelmente, em um projeto para o país”. (FERREIRA, 2001, p.177).

Naquela época, o trabalhismo era acompanhado por uma população que de fato acreditava no nacionalismo, nas reformas sociais, e na conquista dos direitos trabalhistas. (FERREIRA, 2001, p.171). Já com Brizola, após 15 anos de regime militar, o trabalhismo encontra-se em baixa, pelo próprio enfraquecimento causado pelo regime nos seus líderes, muitos exilados. Também por isso é que o trabalhismo, sob Brizola, passa a incorporar ideias da socialdemocracia europeia.

A reinvenção do trabalhismo por Brizola era necessária, pois sob um contexto totalmente diferente do que antecedeu o golpe de 1964, apostar nas mesmas características de antes não daria resultado, o que era sabido por Brizola e seus aliados. Assim, Brizola incorpora elementos da socialdemocracia e afirma que o trabalhismo que ele propunha estava adequado a realidade dos tempos.

Após a definição dos partidos, *O Globo* dá amplo destaque ao PDS e ao PMDB e considera nesse período partidos como PDT, PT e PTB como partidos pequenos. O discurso do jornal muda em 1982, quando as pesquisas eleitorais apontam que Leonel Brizola venceria as eleições para o governo do Rio de Janeiro, passando

então a considerar o PDT como um partido em ascensão.

Assim, pode-se notar uma mudança no discurso do jornal *O Globo*. Na volta de Brizola do exílio, a postura era de difundir a ideia de harmonia entre as partes, da intenção do governo de colaborar e de Brizola de não buscar revanche. Logo depois, o jornal passa a intensificar as críticas ao ex-governador.

Para isso, o jornal traz declarações de líderes políticos de situação e de oposição, que afirmam que Brizola estaria confuso e que suas falas não condiziam com a realidade do país. Dessa forma, percebe-se que o jornal *O Globo*, assim como outros setores de imprensa e do governo, queriam enfraquecer o ex-governador e evitar que ele reunisse multidões contrárias ao regime e que fizesse declarações polêmicas, como sempre fez.

A estratégia realmente funciona, pois Brizola volta do exílio enfraquecido, e com a perda da sigla do PTB, não consegue firmar-se como o grande líder que era quando partiu para o exílio. Ainda assim, Brizola vence as eleições para governador do Rio de Janeiro em 1982, em uma reviravolta na campanha, saindo do 4º lugar nas pesquisas para o 1º, a partir da intensificação do seu discurso, criticando fortemente os outros

candidatos e intitulado-se o verdadeiro líder da oposição (SENTO-SÉ, 1999).

Brizola então cria o Partido Democrático Trabalhista (PDT), enquanto o PTB fica sob o comando de Ivete Vargas. De acordo com Américo Freire, o PDT

no plano doutrinário, posiciona-se como agremiação de esquerda cujo programa gira em torno de três grandes eixos, a saber: a defesa da herança trabalhista-nacionalista, da qual o partido propaga e é reconhecido como principal representante; a luta contra o autoritarismo e pela implantação de um regime em bases democráticas com vistas a fazer valer o programa trabalhista; e a luta estratégica em torno de um projeto socialista democrático a ser construído segundo a história e a dinâmica das lutas sociais no país, ainda que em diálogo direto com governos e partidos socialistas e social-democratas europeus então reunidos sob a égide da Internacional Socialista (IS) (FREIRE, 204, p.306).

É dessa forma que Brizola reformula o trabalhismo e cria um partido que incorpora aspectos do socialismo democrático europeu. Como dito anteriormente, o trabalhismo dos anos 80 é totalmente

diferente do dos anos 45-64, que teve em Getúlio Vargas seu líder. Com Brizola, o trabalhismo transforma-se em brizolismo, que além de ter as características do nacionalismo doutrinário, clássico do trabalhismo, possui novas visões, principalmente da socialdemocracia (SENTO-SÉ, 1999).

A estética do brizolismo, sobretudo baseado no carisma de Brizola, apresenta um projeto político que “retira boa parte de sua vitalidade das resistências impostas por seus adversários, mesmo quando situados à esquerda do espectro político” (SENTO-SÉ, 1999, p. 195). Brizola era visto por seus aliados como o líder que conduziria uma reformulação na esquerda brasileira, e inevitavelmente, o PDT seguiu sob seu comando, sem, contudo, conseguir o objetivo de chegar ao poder federal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da história política a partir de fontes jornalísticas alcança na atualidade um novo patamar, com um grande número de pesquisas, impulsionado pela renovação desse campo de estudo, que elege novos documentos como plausíveis de investigação

histórica. Por muito tempo, apenas documentos oficiais eram alvo de pesquisa histórica, sendo que a contribuição da Escola dos Annales e de outras escolas, surgidas no decorrer do século XX, possibilitou uma nova forma de entender diversos campos da história.

Neste mesmo contexto, foi possibilitado que o discurso construído pelos jornais fossem alvo de estudos, pela forma como atuam na propagação das ideias políticas perante a população. Muitas vezes, os proprietários dos meios de comunicação exercem influência na política, especialmente no Brasil. Dessa forma, o discurso dos jornais precisa ser analisado também pela intencionalidade de seus editores e proprietários.

O jornal *O Globo*, fundado ainda no ano de 1925, sempre se posicionou de maneira nítida nos principais momentos da história brasileira. *O Globo* foi favorável a Revolução de 1930, mas depois mostrou-se opositor ao governo Getúlio Vargas, fez oposição moderada a Juscelino Kubitschek, apoiou a eleição de Jânio Quadros e fez forte oposição ao governo João Goulart e as entidades de esquerda em geral (ARÊAS, 2012, p. 62).

O Globo comemorou o golpe de 1964, afirmando que estaria “ressurgindo a democracia”, livrando o país da “eminente ameaça do comunismo”. Na maior parte

do regime, o jornal promoveu um discurso favorável aos militares, justificando também o uso da força e da repressão.

No processo de abertura política, *O Globo* apresenta um discurso em um tom mais leve, afirmando que era necessária a transição à democracia. No entanto, o jornal não deixa de acompanhar o discurso dos militares, que nesse momento, já tinham ciência que o regime estava em sua fase final.

Em 1979, por exemplo, após uma manifestação contrária a presença do presidente João Figueiredo em Florianópolis, o jornal, em seu editorial, afirma que os “arruaceiros”, não teriam motivos para protestar com o presidente, visto que ele estaria promovendo a democracia ao revogar o AI-5, “reestabelecer a plena liberdade de imprensa” e conceder a anistia, afirmando ainda que “O Presidente da República, do mesmo modo que a Nação, é por definição intocável” (*O GLOBO*, 01 de dezembro de 1979).

Percebe-se, dessa forma, que *O Globo*, mesmo que concordando com o reestabelecimento da democracia, não deixa de apoiar o governo militar, acompanhando o seu discurso e posicionando-se contrário as manifestações populares que pediam o fim do regime.

No tocante a volta de Brizola do exílio, o jornal, primeiramente, adota uma postura que tenta passar uma “neutralidade”, afirmando que os militares estariam dispostos a colaborar com o ex-governador, e que este não possuía nenhum sentimento de revanche, trazendo declarações de outros líderes políticos que minimizavam a importância de sua volta.

Porém, o jornal não deixa de manifestar a preocupação de que Brizola não criasse tumultos e nem reunisse manifestações contrárias ao regime. Nos dias seguintes a sua volta, seu discurso passa a trazer elementos que pudessem evidenciar o enfraquecimento político de Brizola. Também trazia que entrevistas com outros políticos que possuíam o ex-governador como desafeto, e que contrariavam suas opiniões e atitudes.

Nessa mesma intenção, *O Globo* traz em suas edições notícias sobre as dificuldades que Brizola enfrentava na recriação do Partido Trabalhista Brasileiro, pela sigla estar dividida, com ex-integrantes contrários à organização do partido. A atitude do jornal condizia com ao enfraquecimento político que Brizola sofrera ao retornar do exílio.

O jornal apenas muda de posição sobre a importância de Brizola e de seu novo partido, o PDT,

quando ele alcança a liderança das pesquisas nas eleições para governador do Rio de Janeiro em 1982. Antes, *O Globo* considerava o partido como pequeno, e a partir de então, como um partido em ascensão.

Contudo, o discurso formulado pelo jornal *O Globo* sobre a volta de Brizola do exílio atuou no sentido de evidenciar a sua perda de poder político, suas dificuldades na criação de seu partido e os líderes políticos contrários a ele. Apesar de no primeiro momento de sua volta mostrar a questão da boa vontade entre Brizola e os militares, logo passa a trazer opiniões críticas ao ex-governador.

Em um período conturbado e de mudança no quadro político do país, a volta de Brizola não chega a causar grande impacto, visto que os 15 anos de exílio o enfraqueceram politicamente, pois em 1964 ele estava em plena ascensão de sua carreira política, e ao voltar, enfrenta inúmeras dificuldades em sua reafirmação e na criação de seu partido.

O jornal atua como um meio de comunicação ligado ao regime e que não desejava que Brizola retomasse seu prestígio político, e, portanto, elabora matérias e entrevistas que possam levar ao leitor a desacreditar na figura política de Brizola. Da mesma forma, os militares buscavam enfraquecer

politicamente o ex-governador, entregando a sigla PTB para Ivete Vargas.

O ex-governador gaúcho, Leonel Brizola, após 15 anos de exílio, enfrenta grandes dificuldades na retomada de sua carreira política, e não consegue voltar ao posto de grande líder, que alcançara em 1964. No entanto, ele continua a buscar seu espaço, e após uma grande virada, consegue eleger-se governador do Rio de Janeiro, em 1982.

REFERÊNCIAS

ACERVO DO JORNAL O GLOBO. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com>

ARÊAS, João Braga. **Batalhas de O Globo (1989-2002): O neoliberalismo em questão.** Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** 12 ed. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2004.

FERREIRA, Jorge (org.). **O populismo e sua história:** debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FILHO, FC Leite. **El caudillo:** Leonel Brizola: um perfil biográfico. São Paulo: Aquariana, 2008.

FREIRE, Américo. A via partidária da transição política brasileira. **Varia hist.**, Belo Horizonte, v. 30, n. 52, p. 287-308, Abr. 2014.

KUHN, Dione. **Brizola:** da legalidade ao exílio. Porto Alegre: RBS, 2004.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos, e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MAFESSOLI, MICHEL. **A transfiguração do político:** a tribalização do mundo; tradução de Juremir Machado da Silva. 4ªed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 10.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

REIS, Daniel Aarão. Ditadura, anistia e reconciliação. **Estud. hist.** (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p. 171-186, Junho 2010.

REMOND, René. **Por uma história política.** 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SENTO-SÉ, João Trajano. **Brizolismo:** estetização da política e carisma. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1999.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: De Castelo a Tancredo (1964-1985).** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

VIRILIO, Paul. **A arte do motor.** São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

Recebido em: 01/03/2016

Aprovado em: 14/06/2016

Publicado em: 30/07/2016

NOTAS

ⁱ A nota do jornal pode ser acessada no site: <http://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/apoio-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-12695226>.

ⁱⁱ Após seu cargo no governo militar, Alexandre Garcia foi contratado pela Rede Globo, como jornalista, onde continua até hoje.